



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS



a **ARÁBIA SAUDITA e o BRICS:**

neutralidade positiva e
liderança diplomática
em tempos multipolares

Marta Fernández e Maria
Luiza Figueiredo dos Santos

^a **ARÁBIA SAÚDITA e o BRICS:** **neutralidade positiva e liderança diplomática em tempos multipolares**

Marta Fernández¹

Maria Luíza Figueiredo dos Santos²

1. Professora Associada do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e Diretora do BRICS Policy Center.

2. Graduada em Relações Internacionais pela PUC-Rio. Este artigo resulta de pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), sob orientação da Prof^a Marta Fernández.

Autoras

Marta Fernández e
Maria Luíza Figueiredo dos Santos

Design e Diagramação

Miguel Herman

Ficha Catalográfica

BPC Papers V.15. N. 04

Junho/2025.

Rio de Janeiro. PUC. BRICS Policy Center

ISSN: 2357-7681

6p; 29,7 cm

1. Arábia Saudita
2. BRICS
3. Neutralidade positiva
4. Multipolaridade
5. Não-alinhamento
6. Visão 2030

Sobre o BRICS Policy Center:

O BRICS Policy Center / Centro de Estudos e Pesquisas BRICS (BPC), think tank vinculado ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio), é um centro de reflexão independente, não partidário e sem fins lucrativos na cidade do Rio de Janeiro.

O BPC tem como missão contribuir para o avanço de uma agenda de desenvolvimento, ampliação de direitos e promoção da igualdade nos países do sul global, por meio da produção de conhecimento crítico e relevante para o debate público acerca das transformações em curso no sistema internacional e seus desdobramentos nos planos local, nacional e regional.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor (a) (es) (as), não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas BRICS

Casas Casadas, 3º andar, Rua das Laranjeiras 307, Laranjeiras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 22240-004

e-mail: bpc@bricspolicycenter.org

bricspolicycenter.org

Equipe BPC:

Diretora do Instituto de Relações Internacionais

Isabel Rocha de Siqueira

Diretora do BRICS Policy Center

Marta Fernández

Diretora Adjunta do BRICS Policy Center

Maria Elena Rodriguez

Coordenadora Administrativa

Lia Frota e Lopes

Gerente de Projetos

Clara Costa

Assistente de Projetos

Luana Freitas

Comunicação

Isabelle Bernardes



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

A adesão da Arábia Saudita ao BRICS permanece envolta em ambiguidade. Embora tenha sido convidada a integrar o grupo durante a Cúpula de Joanesburgo, em 2023, e figure como membro na "concept note" da presidência brasileira do BRICS em 2025, o Reino ainda não formalizou sua entrada. Segundo declarações recentes do ministro da Economia e Planejamento, Faisal Al-Ibrahim, o país segue avaliando os benefícios e desafios antes de formalizar sua entrada no agrupamento. Essa hesitação, no entanto, não é um simples sinal de indecisão, mas revela uma identidade diplomática construída com base na chamada "neutralidade positiva".

Neutralidade positiva como identidade diplomática

O termo "neutralidade positiva" foi cunhado pelo líder egípcio Nasser durante a Conferência de Bandung, em 1955, para definir uma postura internacional que recusava tanto o alinhamento automático com o Ocidente quanto com o bloco soviético. Essa linguagem foi resgatada em 2023 pelo príncipe herdeiro Mohammed bin Salman como forma de projetar a liderança regional saudita em uma nova ordem internacional multipolar (Heibach & Cerioli, 2024; Stevens, 1957). A Arábia Saudita, vale lembrar, participou da fundação do Movimento dos Não-Alinhados (MNA) em 1961 e mantém até hoje esse legado como uma das bases de sua política externa.

Contudo, historicamente, o país conciliou essa identidade com um alinhamento estratégico com os Estados Unidos, especialmente durante a Guerra Fria. Essa ambiguidade entre o pertencimento ao Movimento dos Não-Alinhados e a proximidade com Washington perdurou até o final da década de 1970, quando dois eventos decisivos — a Revolução Iraniana e a Guerra do Golfo — levaram a uma intensificação da aliança com os Estados Unidos e a um realinhamento mais rígido do Reino com o Ocidente. A fórmula conhecida como "petróleo por segurança" garantiu proteção militar norte-americana em troca de estabilidade energética global desde 1945, tornando-se particularmente vital após a Revolução Iraniana de 1979 e durante a Guerra do Golfo (1990-1991). No primeiro caso, a queda do xá Mohammad Reza Pahlavi, apoiado pelos Estados Unidos, e a ascensão da República Islâmica do Irã representaram uma ruptura geopolítica vista como desestabilizadora para a ordem regional. Para conter a influência revolucionária xiita, tanto os Estados Unidos quanto a Arábia Saudita passaram a ver o Irã como um inimigo comum, o que fortaleceu consideravelmente a aliança estratégica entre Washington e Riad. Os EUA intensificaram o fornecimento de armamentos, apoio logístico e cooperação em segurança, enquanto a monarquia saudita consolidava sua posição como pilar pró-Ocidente no Golfo. Já na Guerra do Golfo, após a invasão do Kuwait pelo Iraque de Saddam Hussein, a Arábia Saudita autorizou a instalação de tropas norte-americanas em seu território, alegando a necessidade de proteger sua soberania. Essa decisão fortaleceu ainda mais a aliança estratégica com os Estados Unidos, mas também gerou tensões internas e desconforto popular diante da presença de forças estrangeiras em

solo considerado sagrado pelo Islã. Osama bin Laden e seus seguidores mobilizaram justamente essa presença na Península Arábica como uma das principais razões para sua guerra contra os Estados Unidos. Bin Laden denunciava a ocupação das "terras do Islã no mais sagrado dos lugares" e a punição contínua imposta ao povo iraquiano.

Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, quando 15 dos 19 terroristas envolvidos eram cidadãos sauditas, a relação entre Arábia Saudita e Estados Unidos passou a ser marcada por um certo mal-estar. A tragédia desencadeou pressões internas nos EUA por maior vigilância sobre os vínculos sauditas com o extremismo, enquanto Riad enfrentava crescentes questionamentos sobre sua aliança com Washington. Esse episódio instaurou um clima de desconfiança mútua que, embora não tenha rompido a aliança estratégica, enfraqueceu seus alicerces simbólicos. Apesar disso, os Estados Unidos continuaram a oferecer apoio à Arábia Saudita, especialmente por meio de assistência em contraterrorismo e treinamento de segurança.

Esse pacto, no entanto, foi novamente tensionado em 2018, após o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi no consulado saudita em Istambul, o que gerou duras críticas da comunidade internacional e abalou ainda mais a imagem do Reino junto ao Ocidente. As reações foram particularmente incisivas nos Estados Unidos, contribuindo para o recrudescimento das críticas ao regime saudita e para um afastamento gradual entre os dois países. Esse distanciamento ganhou contornos ainda mais evidentes em 2019, quando drones e mísseis lançados a partir do Irã atingiram instalações estratégicas de petróleo na Arábia Saudita, comprometendo temporariamente a capacidade de produção do país. Apesar da autoria do ataque ter sido atribuída a Teerã, os Estados Unidos optaram por uma resposta limitada, o que abalou profundamente a confiança saudita. Para Riad, a ausência de uma retaliação militar mais incisiva simbolizou a quebra de uma expectativa central do pacto tácito de "petróleo por segurança" e consolidou a percepção de que Washington já não era um aliado plenamente confiável (Encyclopedia Britannica, 2025).

Sob a presidência de Joe Biden, a relação bilateral arrefeceu ainda mais. Em 2022, a decisão saudita de coordenar com a Rússia o corte da produção de petróleo, desafiando abertamente os interesses energéticos dos Estados Unidos, foi interpretada como um gesto de aliança com Moscou em meio à guerra na Ucrânia. A reação da Casa Branca foi imediata: Biden declarou publicamente que reavaliaria a relação com Riad, e parlamentares democratas passaram a defender medidas punitivas, incluindo o congelamento da cooperação militar e a revisão de contratos de venda de armas. Esse episódio aprofundou a percepção de vulnerabilidade estratégica e reforçou a busca saudita por maior autonomia e por novos parceiros internacionais.

Visão 2030: infraestrutura, comércio e autonomia

A "Visão 2030" representa um movimento deliberado da Arábia Saudita no sentido oposto ao de um alinhamento rígido com os Estados Unidos. Lançado em 2016, o programa de transformação econômica busca reduzir a dependência da receita petrolífera e posicionar o país como um hub logístico global, apostando na diversificação de parceiros estratégicos. Segundo o Ministério da Economia e Planejamento do Reino, as receitas não petrolíferas atingiram 50% do produto interno bruto (PIB) em 2023 — o nível mais alto já registrado, refletindo uma transformação significativa para uma economia historicamente baseada nos hidrocarbonetos (Kimani, 2024). A localização geográfica privilegiada do país — entre Europa, Ásia e África — é central nesse projeto. Riad quer se tornar uma plataforma de conexão intercontinental, investindo na modernização de portos, (como o de Jeddah), na infraestrutura ferroviária regional e na criação de uma nova companhia aérea internacional, a Riyadh Air.

A China é parceira chave nesse processo. Empresas chinesas atuam na construção de obras de infraestrutura sauditas. No setor ferroviário, destaca-se o projeto Saudi Landbridge, que visa conectar os portos do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico por meio de uma linha férrea de aproximadamente 920 km entre Riad e Jeddah. A China Civil Engineering Construction Corporation integra o consórcio responsável pela implementação do projeto, estimado em US\$ 7 bilhões, visando consolidar a cooperação sino-saudita no setor de transportes (MEED, 2023). Essa cooperação não apenas contribui para a diversificação econômica saudita, como também reposiciona o país nas cadeias globais de valor, ao consolidar sua função como elo logístico entre grandes mercados regionais.

Convém destacar que a Arábia Saudita também integra a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) desde 2018, o que reforça ainda mais sua integração com os fluxos comerciais asiáticos e seus esforços para ampliar sua conectividade intercontinental. Embora a Visão 2030 não mencione diretamente a BRI em seus documentos oficiais, os dois projetos vêm sendo ativamente articulados em alto nível desde 2016, quando o presidente Xi Jinping visitou Riad e elevou as relações bilaterais ao nível de parceria estratégica abrangente. A criação do Comitê Conjunto de Alto Nível China-Arábia Saudita naquele ano formalizou esse alinhamento. Desde então, sucessivas reuniões entre os chefes de Estado e ministros sauditas e chineses vêm promovendo a sinergia entre a BRI e a Visão 2030, com a China reconhecendo a iniciativa saudita como complementar à sua estratégia de conectividade eurasiática. Essa convergência se materializa em projetos de infraestrutura, investimentos em energia renovável, inovação tecnológica, turismo e cultura (Wang, 2023).

A guerra na Ucrânia como espelho da ambiguidade

O conflito entre Rússia e Ucrânia evidenciou a ambiguidade da diplomacia saudita. O Reino condenou a invasão russa em votações na ONU, mas se recusou a aderir às sanções econômicas ocidentais. Em vez disso, reforçou sua aliança energética com Moscou via OPEC+, coordenando cortes de produção de petróleo que elevaram os preços globais e

ajudaram a sustentar a economia russa mesmo sob sanções. Essa decisão contrariou os interesses dos EUA, que buscavam reduzir o preço do barril para aliviar pressões inflacionárias internas. Riad também rejeitou enviar ajuda militar à Ucrânia, limitando seu apoio a ações humanitárias e iniciativas diplomáticas. Essa postura guarda similaridades com a do Brasil, que também condenou a invasão russa na Assembleia Geral das Nações Unidas, ao mesmo tempo em que se recusou a aderir às sanções ocidentais unilaterais ou a fornecer armamentos a Kiev, preferindo investir em vias diplomáticas e posicionar-se como defensor do diálogo multilateral em foros como o G20 e o próprio BRICS.

Ao longo dos últimos anos, a Arábia Saudita tem servido como palco de negociações internacionais ao mesmo tempo em que vem se construindo como um ator diplomático relevante. Mais do que sediar encontros bi e multilaterais, o Reino tem se valido desses espaços para projetar uma subjetividade internacional própria, assumindo um papel ativo na mediação de conflitos e na formação de agendas. Um exemplo disso foi a realização da cúpula de paz em Jeddah, em agosto de 2023, que reuniu representantes de mais de 40 países, incluindo China, Índia e Brasil e Ucrânia, com a presença do presidente Volodymyr Zelensky (Heibach & Cerioli, 2024). Embora não tenha resultado em um acordo formal, a cúpula consolidou a Arábia Saudita como um ator relevante no debate internacional sobre a guerra, ao criar uma plataforma de diálogo multilateral marcada pela presença expressiva de países do BRICS, cujos membros representam importantes vozes do Sul Global. Em fevereiro de 2025 a Arábia Saudita voltou a sediar negociações relacionadas à guerra na Ucrânia, reforçando sua posição como espaço diplomático neutro. Na ocasião, já no governo de Trump, representantes dos Estados Unidos e da Rússia se reuniram em Riad para discutir possíveis caminhos diplomáticos para encerrar o conflito, às vésperas do terceiro aniversário da invasão russa. O encontro, liderado pelo secretário de Estado norte-americano Marco Rubio e pelo ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, resultou no compromisso mútuo de nomear equipes de alto nível para buscar uma solução "duradoura, sustentável e mutuamente aceitável" para a guerra.

Tais negociações conferiram visibilidade à capacidade saudita de oferecer um espaço neutro e viável para a mediação entre polos geopolíticos rivais, reforçando o uso da diplomacia como ferramenta de projeção internacional e de afirmação do país como ator-chave na mediação global. As presenças da Ucrânia na cúpula de Jeddah e, posteriormente, da Rússia nas conversas realizadas em fevereiro de 2025 em Riad indicam que, para a Arábia Saudita, o que está em construção é, sobretudo, seu papel como mediadora e facilitadora do diálogo — uma posição de "não-alinhamento" estratégico, mais do que uma adesão explícita a qualquer dos lados em conflito. Vale destacar que Moscou criticou abertamente a reunião em Jeddah por considerá-la uma tentativa fútil do Ocidente de avançar sua agenda sobre a guerra na Ucrânia sem o seu envolvimento, enquanto, Zelenski demonstrou descontentamento quanto às negociações de fevereiro de 2025 realizadas sem sua presença e de representantes europeus, levando-o a cancelar sua visita à Arábia Saudita em protesto contra tal exclusão.

Esses posicionamentos de Moscou e Kiev em duas das reuniões que tiveram lugar na Arábia Saudita ressaltam o equilíbrio que o Reino busca manter em sua atuação diplomática, posicionando-se como um espaço de diálogo entre adversários por meio de uma neutralidade ativa. Essa postura ressoa com a declaração do Ministro da Economia e Planejamento, Faisal Alibrahim: "Queremos estar no meio; nossas parcerias devem

permanecer fortes com todos os atores." (World Economic Forum, 2025).

● BRICS e o dilema da adesão

Nesse contexto, a relação com o BRICS é complexa. De um lado, o bloco representa uma oportunidade estratégica: diversifica parceiros, amplia o acesso a mecanismos financeiros alternativos e se alinha aos objetivos da Visão 2030, especialmente no que se refere à ampliação de conexões comerciais, à busca por novos investimentos e à redução da dependência dos Estados Unidos como parceiro exclusivo. Ao articular-se com economias emergentes, o Reino fortalece sua inserção em uma ordem multipolar que favorece sua autonomia e sua centralidade geoeconômica. A entrada recente da Indonésia – outro país com tradição de não alinhamento – reforça esse caráter plural do BRICS, especialmente porque sua adesão formal ocorreu em janeiro de 2025, ano em que a Conferência de Bandung, marco fundador do Movimento dos Não-Alinhados, completa 70 anos. Essa coincidência simbólica reforça a ressonância histórica entre o BRICS ampliado e os princípios do multilateralismo não alinhado, conferindo ainda mais legitimidade ao grupo como espaço de articulação do Sul Global.

Por outro lado, o agrupamento também inclui países como o Irã, com quem a Arábia Saudita tem relações historicamente tensas, o que adiciona uma camada de cautela ao processo. O convite para o ingresso saudita no BRICS foi feito antes da eclosão da nova fase do conflito no Oriente Médio entre Israel e Hamas em outubro de 2023, o que alterou significativamente o cenário geopolítico e ampliou a necessidade saudita de preservar margem de manobra diplomática. Mesmo após a reaproximação entre Riad e Teerã mediada pela China no início de 2023, a Arábia Saudita evitou movimentos que pudessem colá-la a um eixo político no qual o Irã tivesse papel central ou dominante. Além disso, o BRICS vem sendo crescentemente percebido por analistas e pela mídia ocidentais como uma plataforma de contestação à ordem liberal internacional, o que reforça a cautela saudita em formalizar sua adesão. Ao manter a adesão ao BRICS em suspenso, o Reino sinaliza sua preferência por uma política externa de flexibilidade, que lhe permita dialogar com todas as potências sem se comprometer rigidamente com nenhuma. Embora tenha sido convidada a se tornar membro pleno, a Arábia Saudita parece ter optado informalmente pela condição de país parceiro — uma posição que permite participar seletivamente de reuniões e iniciativas do grupo, sem os compromissos formais da adesão definitiva. Essa escolha reflete não apenas uma estratégia de flexibilidade diplomática, mas também a intenção de preservar uma imagem de ator não alinhado. Parte dessa cautela decorre das disputas narrativas externas que têm sido projetadas sobre o BRICS, especialmente por analistas e mídias ocidentais. Enquanto alguns veem o agrupamento como um espaço plural de reforma da ordem global, outros o interpretam como um eixo de contestação frontal ao Ocidente. Ao manter uma posição equidistante, o Reino busca não ser associado a visões mais confrontacionais e reforça seu papel como mediador e interlocutor confiável entre múltiplos polos de poder.

● Conclusão

A Arábia Saudita está construindo uma subjetividade diplomática singular, baseada na ambiguidade estratégica, na neutralidade positiva e na multipolaridade funcional. Ao manter suspensão sua adesão ao BRICS, o Reino sinaliza tanto abertura quanto cautela. Trata-se de um país que busca protagonismo sem se vincular de forma definitiva a nenhuma coalizão – um mediador, um elo, um ator que navega deliberadamente entre zonas de influência sobrepostas: a China e a Ásia Oriental a leste, o Mar Vermelho e o continente africano a sudoeste, a Europa e a Rússia ao norte, e os Estados Unidos como tradicional parceiro ocidental. A Arábia Saudita não quer apenas estar no meio – quer se construir como um ponto de equilíbrio entre esses vetores regionais e globais em um mundo que se fragmenta.

● Referências

Encyclopedia Britannica, "Política externa desde o fim da Guerra do Golfo Pérsico," última modificação em 19 de abril de 2025, acessado em 21 de abril de 2025, <https://www.britannica.com/place/Saudi-Arabia/Foreign-policy-since-the-end-of-the-Persian-Gulf-War>.

Heibach, J., & Cerioli, L. (2024). Saudi Arabia's ambivalent stance on the Russia-Ukraine war: Balancing regime stability and equal sovereignty. *Contemporary Security Policy*, 45(4), 670–683. <https://doi.org/10.1080/13523260.2024.2384006>

Kimani, Alex. Receita não petrolífera da Arábia Saudita atinge 50% do PIB. OilPrice.com, 17 mar. 2024. Disponível em: <https://oilprice.com/Energy/Energy-General/Saudi-Arabias-Non-Oil-Revenue-Hits-50-Of-GDP.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MEED. (2024, 9 de outubro). Saudi Landbridge construction to start in 2025. Disponível em: <https://www.meed.com/saudi-landbridge-construction-expected-to-start-in-2025>

Stevens, G. G. (1957). Arab neutralism and Bandung. *Middle East Journal*, 11(2), 139–152.

Wang, Y. (2023). China's Strategic Engagement with the Gulf: Vision 2030 and the BRI. *Journal of Contemporary China*.

World Economic Forum. 2025. Saudi Arabia's Economic and Diplomatic Transformation Is in Full Swing. February. <https://www.weforum.org/stories/2025/02/saudi-arabia-economy-diplomacy-energy/>.



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS